



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FÁTIMA CAMPUNE TCHUDA

**O LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES
DA ETNIA BRASSA KUNTOÊ NA GUINÉ-BISSAU**

ACARAPE

2023

FÁTIMA CAMPUNE TCHUDA

**O LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES
DA ETNIA BRASSA KUNTOÊ NA GUINÉ-BISSAU**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Segone N´dangalila Cossa

ACARAPE

2023

FÁTIMA CAMPUNE TCHUDA

**O LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES
DA ETNIA BRASSA KUNTOÊ NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Aprovado em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Segone N'dangalila Cossa (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB.

Ms. Luizinho Jorge Cá (Examinadora)

Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ms. Bininba Djata (Examinador)

Doutoranda em ciência política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Mapa de Região de Oio	7
Figura 2 - Mapa Étnico da Guiné-Bissau	8
Figura 3 - Mapa étnico da Guiné-Bissau	9
Figura 4 - Mbi Fula Ussonh	19
Figura 5 - Fula N'dam	20
Figura 6 – Nin	21
Figura 7 - Nin N'dolo ou Nin Ndan	22

LISTA DE SIGLA E ABREVIATURAS

ANEME- Associação Nacional de Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas

IDH- índice de desenvolvimento humano

MEPIR- Ministério da Economia, Plano Integração Regional

PNA- Plano Nacional de Ação

SAB- Setor Autônomo de Bissau

UCCLA- União das Cidades Capitais da Língua Portuguesa

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	10
3	PROBLEMA DA PESQUISA	11
4	HIPÓTESE	12
5	OBJETIVOS	12
5.1	OBJETIVO GERAL	12
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICO	13
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
6.1	UM BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA GUINÉ-BISSAU	13
6.2	ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE POVO BRASSA KUNTOÊ	17
6.3	CONTEXTO CULTURAL DE BRASSA KUNTOÊ	18
1.1	PAPEL DAS MULHERES NOS RITUAIS E FESTIVIDADES DO POVO BRASSA	22
7	METODOLOGIA	25
8	CRONOGRAMA	26
	REFERÊNCIAS	27

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho se propõe em compreender o lugar de fala e o processo de empoderamento das mulheres da etnia Brassa Kuntoê na Guiné-Bissau, a partir de uma perspectiva econômica, cultural e social. Cabe ressaltar que o estudo será realizado na região de Oio, sector de Bissorã, concretamente em Tchakal, uma tabanca que faz parte deste setor.

O povo Brassa é um dos grupos étnicos majoritários da Guiné-Bissau, espalhado por diferentes territórios do país. À vista disso, Cammilleri (2010), nos apresenta que o nome Balanta surge no período em que o povo se recusa a subordinação ao jugo do povo Mandinga, posto que na língua da etnia Mandinga, o nome Balanta significa os que recusam a ser dominados. Estes foram considerados rebeldes, conforme podemos constar na citação abaixo:

[...] o termo “Balanta” em língua “Mandinga” exprime-se com: Ebalanta. Decompondo este vocábulo obtém-se: E (eles), - bala (negar), - nta (morfema repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar, a revoltar-se; logo os rebeldes, os indomáveis e os refratários. [...] os próprios “denominam-se Balanta”. (CAMMILLERI, 2010, p. 15).

Dessa forma, fica evidenciado que o povo Brassa, na época colonial, foi considerado revoltoso pelos colonizadores, visto que, o termo atribuído pelo colono, Balanta, dava a ideia de rebeldia. O nome Brassa é determinado ao grupo étnico que está localizado na Guiné-Bissau.

Brassa é um nome como qualquer outro nome, atribuído para melhor diferenciá-los, pois a partir deste nome, surgiram outras ramificações e estas ramificações deram origem a outros subgrupos étnicos tais como: Brassa Kuntoê, *Brassa Nhacra*, *Brassa Mané*, *Brassa Beatch*, *Brassa Damé*, *Brassa Naga*.

Cammilleri (2010), afirma que:

O nome com que é definido um povo é muito importante porque exprime uma forma de comportamento e uma forma de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com um juízo de valor. Nomear quer dizer julgar, classificar e definir. Um nome de um povo dá a si mesmo por vezes pode ser diferente daquele que outro povo lhe dá. Esta duplicidade de denominação verificou-se também no povo em estudo que é chamado “Balanta” pelos outros e “Brassa” por si mesmo. (CAMMILLERI, 2010, p. 14).

Brassa é um grupo étnico, que vive majoritariamente na Guiné-Bissau, visto que tem aproximadamente 22,5% de 1.746.000 habitantes, mas existem também na Guiné-Conakry, Gâmbia e Senegal. Embora que todos sejam originários da Guiné-Bissau, para Siga (2015) o

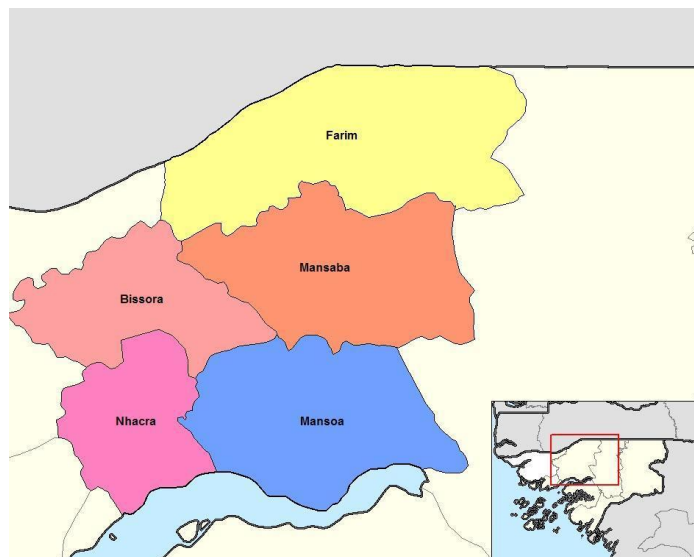
povo Brassa chegou a Guiné-Bissau pela emigração, vinda do Egito, Etiópia e Sudão, entre os séculos X e XIV, espalhando-se pelo território durante o século XIX.

Eles não eram apenas fugitivos dos grupos adversários, dentre as razões para a migração estão o aumento da população, espaços para cultivos e de pastagem dos gados, buscavam novas zonas, ou seja, as novas terras. Assim sendo, compreendeu-se que o povo Brassa dedicam-se em sua maioria no cultivo, pastagem dos gados e procurando território que lhes oferecesse condições necessárias para prática dessas duas atividades.

Antes de adentrar no escopo do projeto de pesquisa, é necessário contextualizar sobre o campo de estudo. Guiné-Bissau fica situada na Costa ocidental da África, fazendo fronteira com duas nações vizinhas francófonas, ao Norte está o Senegal e para o Sul, a República da Guiné-Conakry. Do mesmo modo, ao Oeste está o Oceano Atlântico.

Administrativamente a Guiné-Bissau se divide em Oito Regiões com um Setor Autônomo de Bissau (SAB), tais como: Região de Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinará, Tombali. As regiões estão por sua vez divididas em sectores (36 no total) e estes em seções, compostas por tabancas (aldeias).

Figura 1 - Mapa de Região de Oio



Fonte: Rarelibra (2008)¹

A Guiné-Bissau foi colonizada por Portugal, tornou-se independente em 1973, visto que o país teve uma luta armada contra a administração colonial portuguesa que teve o seu início em 23 de janeiro de 1963 e durou 11 anos de luta.

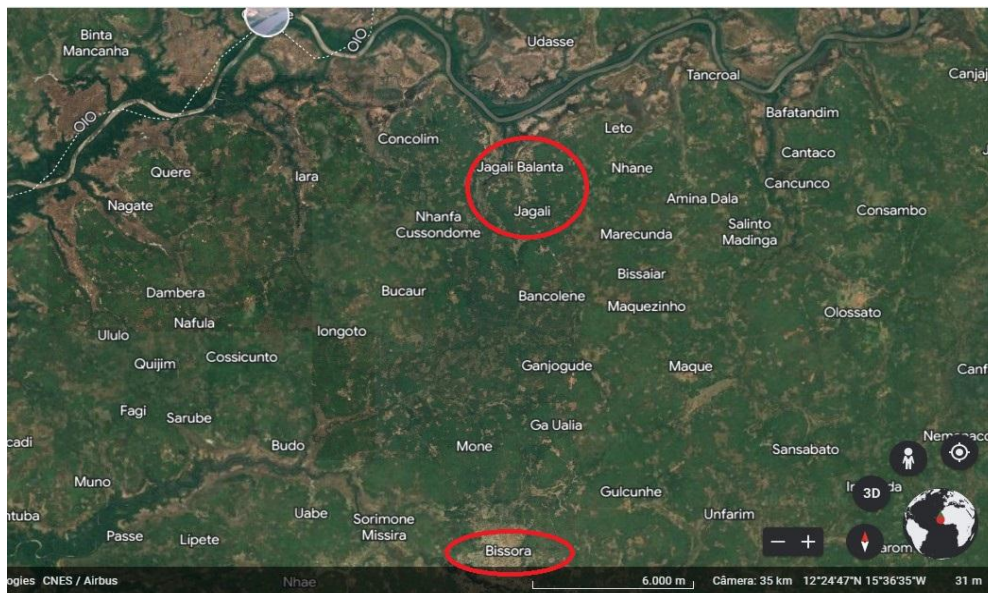
¹ Disponível em: <https://abre.ai/gd7e>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Conforme a União das Cidades Capitais da Língua Portuguesa (UCCLA), a Região de Oio é uma das oito (8) regiões da Guiné-Bissau que faz parte de província norte do país, limitada ao norte pelo Senegal e ao Leste pela região de Bafatá e ao sul pela região de Biombo e setor autónomo de Bissau SAB, ao oeste pela região de Cacheu.

Habitada maioritariamente por Mandingas e Balantas na Zona Norte e oeste, dividido administrativamente em cinco (5) setores que são: Bissorã, Farim, Mansabá, Mansoa e Nhacra e conta com cerca de 215.259 habitantes distribuídos em 803 tabancas (aldeias). Tendo o setor de Farim como capital da região.

Vale ressaltar que a *Tabanca* de Tchakal fica situada no setor de Bissorã, entre a seção de Olossato e Bissorã mais a oeste, fazendo a fronteira com a seção de Bigene, região de Cacheu separados pelo rio Cacheu. Para os nativos dessa região dá para entender se a pessoa dizer Jagali por parecer a mesma palavra mais com o sotaque diferente. Mas não tem nada a ver com o nome do local como está escrito no mapa, ou seja, está escrito de forma errada no mapa como demonstrado na figura abaixo.

Figura 2 - Mapa Étnico da Guiné-Bissau



Fonte: Google Earth, 2023.²

O estudo realizado pela Associação Nacional de Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas – ANEME (2018), objetiva que o país é constituído por uma parte continental (cerca de 470.000 hectares (ha) – 15% de Território considerado área protegida) e outra Insular

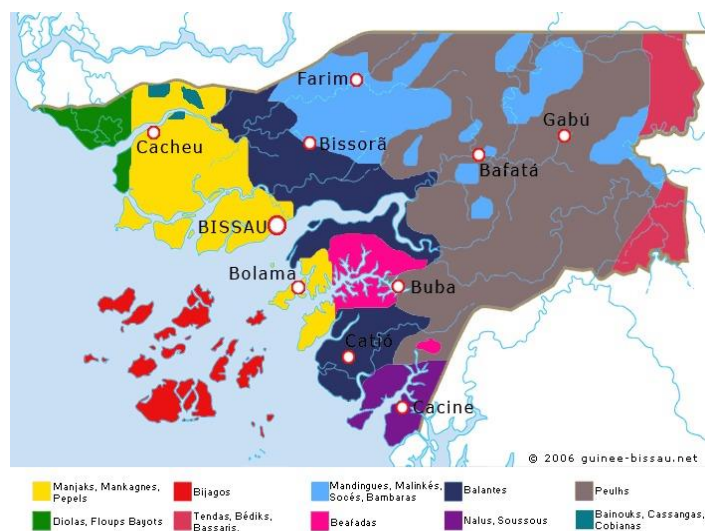
² Disponível em: <http://www.tchando.com/gui4.html>: Acesso em: 14.jul.2022.

que engloba os Arquipélagos de Bijagós, composto por 88 Ilhas e Ilhéus dos quais somente 17 são habitadas.

Conforme o Mbundé (2018), a Guiné-Bissau possui uma superfície total de 36.125 km², com uma população estimada de 1.746.000. Cabe enfatizar que, o país tem como língua oficial o português, falada por uma pequena parcela da população guineense e o Crioulo como a segunda língua, porém, falada por um grande número da população Bissau guineense. Segundo o censo de 2009, o português é falado por 46,3% da população nas zonas urbanas e 14,7% no meio rural.

O crioulo é a língua franca da Guiné-Bissau, falado por cerca de 70% da população total do país. Por outro lado, vale salientar que existem línguas faladas por diferentes grupos étnicos que constituem a esfera populacional. Tais como: Fula, Brassa, Mandingas, Papel, Biafada, Bijagós, Manjacos, Mancanha, Susso, Nalu, Felupe, Mansoanca, e Saracolé, etc. Estes podem ser verificados em todos o território nacional, sob diferentes contextos da predominância em termo regional.

Figura 3 - Mapa étnico da Guiné-Bissau



Fonte: Jair Walter Ribeiro (Jairwpr) 2014.³

³ Disponível em: <https://abre.ai/gd67> . Acesso em: 22 mar. 2023.

Conforme o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (2019), a Guiné-Bissau ficou na 178ª posição no índice de desenvolvimento humano (IDH) dos 189 países e territórios considerados, com um índice médio (0,455) bem abaixo da média dos países da África e África Subsaariana (0,537). As mulheres e crianças estão particularmente expostas à pobreza e vulnerabilidade.

Os dados do Ministério da Economia e Plano e Integração Regional através do Instituto Nacional de Pesquisa (2020), a Guiné-Bissau possui uma percentagem de mulheres de idades entre 15-49 anos, cerca de 49,8% de mulheres, totalizando aproximadamente 822.990.

Na Guiné-Bissau existem entre 27 a 40 grupos étnicos. As etnias com maior expressão na Guiné-Bissau, de acordo com censo de 2009, são: a Fula 28,5% que vive essencialmente no leste do país (Gabú e Bafatá), seguida da etnia Balanta 22,5% da população que se encontra principalmente nas regiões Sul (Catió e norte Oio), a Mandinga com 14,7%, no Norte do país, a Papel com 9,1% e a Manjaca com 8,3%.

Com expressão reduzidas, encontramos ainda as etnias Biafada 3,5%, Mancanha 3,1%, Bijagó (como o próprio nome indica, vive no Arquipélago dos Bijagós e representa 2,15% da população total), Felupe com 1,7%, Mansoanca 1,4% ou Balanta Mane com 1%. As etnias Nalu, Saracolé e Susso representam menos de 1% da população guineense e 2,2% não pertencem a qualquer etnia.

2 JUSTIFICATIVA

O motivo da escolha dessa temática surgiu a partir da experiência e vivência enquanto uma mulher oriunda do grupo étnico Brassa, que nasceu e cresceu no seio do grupo mencionado. Por conto disso, existe um paradoxo de ordem cultural e de gênero nos Brassa. As mulheres têm ocupado poucos espaços nas tomadas de decisões políticas, sobre o destino de suas comunidades, a despeito do protagonismo cultural e ontológico que têm para a reprodução social do respetivo grupo étnico. Pensando nisso, é necessário que se faça um estudo na vertente antropológica, de modo sucinto, para haver mudança desse quadro.

Gomes (2013) aponta que, desde o início da história da Guiné-Bissau, as mulheres guineenses desempenharam um papel importante durante a luta anticolonial e na luta de libertação nacional. Elas desempenham um papel fundamental na educação, na saúde, na economia, na política e no desenvolvimento sócio-cultural da sociedade guineense, em especial no grupo étnico Brassa Kuntoê. Nesta perspectiva, o Ministério da Economia, Plano Integração Regional - Mepir (2010), afirma que as mulheres possuem grandes participação na produção de

bens e serviços, sobretudo no nível da produção rural e também, na realização de trabalhos domésticos, elas exercem funções em todas as camadas do desenvolvimento econômico guineense.

No que toca a relevância social, a pesquisa visa contribuir para a propagação de um olhar mais sensível sobre essa temática. De modo geral, visa instigar nas instituições, autoridades políticas e na sociedade guineense na totalidade, um debate sobre os principais desafios e as dificuldades que as mulheres atravessam no seu quotidiano, permitindo a inclusão desses debates/discussões em suas agendas políticas.

Particularmente, a pesquisa em tela visa abordar a questão do lugar de fala e o processo de empoderamento das mulheres, com enfoque principal no grupo étnico *Brassa Kuntoê*.

Espera-se que essa futura pesquisa possa contribuir para incentivar novos trabalhos, que tragam leituras complexas da temática em questão, possibilitando, desse modo, um arcabouço referencial e teórico para estudos em humanidades na área temática. Assim sendo, a temática em questão não se limita exclusivamente aos Brassas, como também pode proporcionar comparações entre a realidade social do grupo étnico mencionado e os demais grupos em Guiné-Bissau, trazendo um enorme contributo.

Isso posto, depreende-se que é necessário e relevante de desenvolver a presente pesquisa para construir um arcabouço teórico-referencial sólido, que instigue o debate sobre a temática em questão. Já no âmbito acadêmico, auxiliará e estimulará aos acadêmicos interessados em desenvolver trabalhos ligados à temática, além de servir de base para aprofundamento e realização das pesquisas acadêmicas futuras, ampliando o debate sobre a temática, dado que há insuficiência dos trabalhos que discutem esse assunto.

Com o desenvolvimento da futura pesquisa, pretende-se fornecer informações essenciais à sociedade guineense em geral, a comunidade acadêmica, as organizações públicas e não governamentais, (inter)nacionais, que desenvolvam atividades direcionadas à equidade de gênero, possibilitando, assim, na instituição e implementação das políticas públicas eficazes que proporcionem um ambiente favorável para as mulheres.

3 PROBLEMA DA PESQUISA

Conforme a natureza do nosso projeto de pesquisa, voltado para à compreensão do lugar de fala e o processo de empoderamento das mulheres do grupo étnico *Brassa Kuntoê*,

pretendemos guiar a nossa futura pesquisa na análise complexa do lugar da fala da mulher no interior do grupo étnico Brassa Kuntoê.

Cabe destacar que, o grupo étnico Brassa possui estrutura horizontal, o que a diferencia de muitas outras etnias que compõem a esfera autóctone guineense. Dado que na sua estrutura e liderança autóctone é paralelo ao Estado, isto é, não possui "régulo", um chefe supremo que dirige de forma autóctone as atividades da comunidade. Sua sociedade é organizada e dirigida por conselhos, formados por homens e mulheres mais velhos, denominados de anciãos e anciãs. Assim como afirmou Comitini (1980), nas sociedades de estrutura horizontal, como a sociedade Balanta, a distribuição dos níveis da cultura é mais ou menos uniforme. Dessa maneira, com o advento da modernidade, as estruturas de liderança do grupo étnico Brassa não sofreram mudanças no que diz respeito a sua hierarquia, cultura, costumes e em outras dimensões da vida social.

Nesse sentido, queremos através desta proposta de projeto de pesquisa, analisar o lugar de fala das mulheres do grupo étnico Brassa, o que suscita questões referente ao papel que a mulher guineense desempenha no contexto social e cultural. Diante dos fatos apresentados, temos a seguinte questão de pesquisa: Qual é o lugar de fala das mulheres nas estruturas de liderança e de tomadas de decisões do grupo étnico Brassa Kuntoê? Essa pesquisa visa abrindo um espaço de discussões que possam fazer com que essas mulheres consigam expressar um pouco sobre o posicionamento delas, falar do lugar que a mulher ocupa dentro das estruturas de lideranças no seio do grupo mencionado.

4 HIPÓTESE

Apesar da importância cultural, simbólica e ontológica que a mulher tem na reprodução social do grupo étnico Brassa Kuntoê, no campo político, é cerceada sua participação no processo de tomada de decisões sobre o destino de sua comunidade.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o lugar de fala e o processo de empoderamento das mulheres Brassa Kuntoê na Guiné-Bissau.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO

- Analisar a complexidade do lugar da fala da mulher no interior do grupo étnico Brassa Kuntoê;
- Investigar o processo de construção social do papel da mulher nos Brassy Kuntoê.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desse projeto será dividida em quatro tópicos fundamentais, no qual a primeira seção será abordada uma breve contextualização de lugar de fala e o processo de empoderamento das mulheres na Guiné-Bissau, e por seguinte, dirige-se a organização social de povo Brassa Kuntoê. Na terceira seção abordaremos o contexto cultural Brassa Kuntoê, e por fim, falaremos do papel das mulheres nos rituais e festividades da etnia Brassa.

6.1 UM BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA GUINÉ-BISSAU

Lugar de fala representa as posições e privilégios para que cada comunidade possa aceitar e abranger em qual lugar social se encontra para expressar com prioridades a partir dele, ter o seu próprio lugar de aceitação. Assim como afirma Ribeiro (2019), que o falar não só determina a ação de lançar palavras, mas de poder existir, pensar lugar de fala é como confirmar conhecimento comum de saberes consequente da hierarquia social.

Empoderamento feminino aplaudi, coloca a mulher num patamar mais alto, contribuir para poderem dominar os seus espaços e direitos, sejam de fala ou de trabalho, na qual busca ter comando sobre as suas próprias vidas. De acordo com Landerdahl (2013), percebe-se que o empoderamento das mulheres é um desafio que exige esforços de toda a sociedade para o desenvolvimento de alianças e estratégias para romper com as estruturas vigentes. Nessa perspectiva, isso mostra o quanto os esforços delas devem ser desdobrados, mesmo sabendo que a própria conjuntura social não nos coloca no mesmo espaço com os de homem.

Ser mulher na sociedade guineense constitui um fator restrito, em que as mulheres são vistas como cuidadoras das casas, dos filhos e dos maridos, porém, ao mesmo tempo, elas não têm poder de decidirem sobre as suas tutelas, por conta da dominação masculina.

Na sociedade em geral, essas mulheres ainda são excluídas nos espaços públicos, pois, são consideradas incapazes no desenvolvimento do país. Portanto, esta restrição das mulheres nos espaços públicos contribuiu nas práticas cotidianas da vida doméstica e para a produção do capital, uma vez que estas não têm acesso ao público.

A mulher desempenha múltipla função social no país: mãe/educadora responsável pelo sustento familiar. O seu desempenho acaba sendo esquecido devido às várias funções que ela desempenha. [...]. Esta árdua realidade acaba direcionando as mulheres a serem empreendedoras do mercado informal, criando pequenos negócios com o objetivo de assegurar o sustento da família. (SANCA, 2014, p. 35).

Bamisile, (2013. p. 259) afirma que para nós, um bom ponto de partida para qualquer discussão sobre o feminismo em África é começar por defini-lo como sendo, essencialmente, a luta das mulheres contra o controle patriarcal. Perante o exposto, compreende-se que a colonização da Guiné-Bissau pelos portugueses mudou todo padrão social guineense, visto que, o patriarcado é uma forma de organização familiar, ou seja, o homem em toda sociedade guineense figura no topo da classificação com privilégios que não se igualam com os da mulher.

A divisão de tarefas e papéis entre homens e mulheres é explicitamente distinta e obedece aos ditames da sociedade. Os homens ocupam funções mais ou menos profissionalizantes e remuneratórias no domínio público, enquanto as mulheres, as de cuidado e não remuneratórias no domínio privado. (VOZ DI PAZ, 2018, p. 44).

A Guiné-Bissau apresenta pouca intervenção das mulheres na própria conjuntura social do país, a partir das diversas etnias que compõem o mosaico étnico do país. Neste sentido, provam que no imaginário social guineense as mulheres são consideradas segunda opção quando se trata das intervenções públicas e tomadas de decisão, quer no ambiente público ou no particular.

Conforme Hopffer (2021), é possível compreender que, o sistema social guineense oprime as mulheres nos lugares das falas e as colocam em uma condição inferior à dos homens. Com isso, o que se constata na realidade e no cotidiano, é que a sociedade guineense oprime a mulher de se desenvolver intelectual e economicamente, fatos que deram condições à vida das muitas mulheres na Guiné-Bissau a se configurar na precariedade.

Desse modo, observa-se que, na Guiné-Bissau, as mulheres se sentem pouco interativas nas atividades da cidadania, como nos casos de tomada de decisão pública, encontros dos anciões, palestras comunitárias e demais lugares de intervenção social no país. E neste sentido, de acordo Hopffer (2021), os comportamentos deste gênero levaram o inconformismo das mulheres e igualmente ao surgimento duma organização não governamental, denominada “Mindjer ika Tambur” fundada em 2020. Um movimento novo de jovens estudantes inconformadas com a situação que muitas mulheres enfrentam no país, sobretudo, no quesito das intervenções em relação aos homens.

Assim sendo, considera-se que o surgimento desta organização trouxe consigo um pouco de consideração em relação a lugar e fala das mulheres, sobretudo, na defesa do empoderamento feminino. Desse modo, como referenciado por Hopffer (2021), já podemos encontrar alguns registros de muitas mulheres com poder de fala dentro de algumas organizações estatais orientadas e conscientes da importância do empoderamento feminino. Elas educam os filhos e as filhas a saberem formar opinião e lutar pela conquista dos seus espaços.

Hoje em dia, tem crescido o número de meninas nas esferas de decisão públicas e centros de formação profissional, portanto, isso é um esforço adicional de muitas mães que lutam no incentivo às filhas para encarar a formação acadêmica.

Por um lado, é sabido socialmente que na Guiné-Bissau, o lugar das mulheres e suas posições têm sido consideradas inferiores diante dos homens como forma de deixá-las quase sem opinião diante das tomadas de decisões, que conforme Kafo (2006), durante período após acesso do país a soberania (inter)nacional, uma minoria de mulheres foi confiada a postos de responsabilidade política que exigiam normalmente capacidades intelectuais sólidas, devido à falta de acesso à escolarização e, por outro lado, pela sociedade patriarcal na qual estão inseridas.

No entanto, em muitas famílias a mulher é tida como esposa (o principal lugar social), logo não é vista como uma pessoa capaz de ter outro valor perante a sociedade, a não ser através do casamento e das tarefas domésticas. Assim, percebe-se que a mulher é entendida como incapaz de desenvolver um papel importante, para além de exercer funções de esposa e de dona de casa.

As práticas discriminatórias que pesam sobre as mulheres e as constroem a um papel doméstico têm fundamentalmente a ver com a importância atribuída ao casamento na sociedade guineense, sobretudo para a mulher. Ao longo da sua vida, a mulher guineense é educada e preparada para o casamento, fazendo disso o seu objetivo primário. Para um bom cumprimento dessa função, ela muito cedo é ensinada a ser submissa e acreditar que precisa de alguém para tomar conta dela. (MENDES, 2018, p. 47).

Na mesma ordem, percebe-se que, a participação social das mulheres guineenses é limitada pela própria sociedade, como forma de inferiorizá-las diante das tomadas de decisão e na afirmação da própria sociedade. De acordo com Filomena Mendes Mascarenhas Tipot, da organização não-governamental Voz di Paz (2018), na Guiné-Bissau observa-se uma fraca participação das mulheres na vida política, sobretudo na esfera de decisão política.

Contudo, a mulher guineense, apesar da sua participação significativa na construção do Estado guineense (empenho na luta de libertação nacional), tem uma fraca presença e representação nas instituições nacionais e nos lugares de tomada de decisão política.

Este fracasso estrutural tem a sua origem no modo de funcionamento das instituições tradicionais, nas práticas sociais e nos estereótipos que dominam a sociedade. Na verdade, a participação política da mulher guineense é limitada e condicionada por fatores ligados à cultura e a tradição, por via dos valores inculcados na educação desde a certa idade. A ideologia tradicional e costumeira guineense forjou uma construção cultural de relação de poder entre homens e mulheres, atribuindo a cada um, um determinado papel na sociedade.

Embora o Estado guineense venha demonstrando esforços para garantir a igualdade e equidade de gênero, em concordância com o Plano Nacional de Ação para a Implementação da Resolução 1325 – PNA (2000), as mulheres do país ainda são representadas em dimensão menor nos postos de responsabilidade quanto aos cargos executivos e de responsabilidade social. Com isso pode-se dizer que o mercado de trabalho continua encontrando barreiras devido à questão de gênero. (PNA, 2010).

Nesta construção ideológica influenciada pelos estereótipos de gênero, a mulher guineense é definida como dona de casa, mãe e esposa, independentemente das suas conquistas, potencialidades e experiências pessoais. Esta imagem e atributos acompanham-na em diferentes lugares e posições sociais.

Para Mendes (2018), além da pressão imposta às mulheres pela sociedade, observam-se diferenças segundo as normas culturais, étnicas e práticas tradicionais e religiosas a que pertencem. Estas variações impõem-nos um olhar atento e diferenciado na maneira de compreender as dinâmicas relativas ao lugar da mulher em sociedade e formular soluções concretas e adaptadas.

As auscultações revelaram a existência de variações étnicas relativas a assuntos concretos que determinam, de maneira direta ou indireta, a participação das mulheres na tomada de decisão, a saber o casamento, a escolarização das meninas, ou ainda os ritos e tradições ancestrais.

6.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE POVO BRASSA KUNTOÊ

Um nome de um povo é resultado de um convívio com os outros. O termo Brassá significa os revoltosos, os rebeldes, ou seja, os que se recusam a se submeter de qualquer forma.

Algumas pretendem que ela é de origem mandinga buscando relacioná-la com o vocábulo desta língua que expressa a ideia de «recusa», «rebeldia»: E Balanta: Ê, êles + Balanta, derivado de Balandiro, recusa, resistência (a alguma acção) + Nta, partícula que reforça a ideia de acção «eles recusaram», «eles negaram», «eles resistiram» ou «eles negam-se» (a fazer o que se lhes manda). Como os balantas resistiram energicamente às investidas das mandingas, estes teriam desistido do intento de os dominar, dizendo: «recusaram-se» ou «negaram-se»- a aceitar a sujeição, subentenda-se. (CARREIRA, 1964 p.48-49).

A esse nome foi dado outro significado, com sentido negativo, pelos restantes da população da Guiné-Bissau. Atualmente os termos “Brassá” E Brassá Bravo são usados como injúrias, desprezos, como sinónimo de selvagens, atrasados.

A sociedade Brassá é considerada uma sociedade horizontal, diferencial de outros grupos restantes do país, pois, nesta etnia, não existe a questão da hierarquia do poder, em que se têm um rei ou regulo para governar ou criar um regulamento para poder tomar cursos das coisas ou poder usufruir dos limites territoriais das pessoas que vivem nesta sociedade. Todas as decisões partem dum conselho dos anciãos. Essa forma de organização dificultou muitos os colonizadores em suas estratégias para os dominar.

Para um homem Brassá se tornar um membro do conselho dos anciãos ele tem que passar por diversas fases da vida (ritos) e só depois chegar na fase de ancião e integrar o conselho dos anciãos.

Cammilleri (2010) afirma que:

A este concelho dos anciãos estão confiados o governo e o controle de toda a comunidade da aldeia. O sistema político Brassá não é baseado numa autoridade centralizada, representada por um rei ou régulo, mas é representada e executada por um colégio e participado por todos os chefes de família residentes na aldeia (CAMMILLERI, 2010, p. 35-36).

O Brassá divide-se em dois grandes grupos que são: Brassá Kuntoê, Brassá Nhacra (Buwungue). Rith (2013), afirma que os Brassá Kuntoê se dividem em Nagas, Mansoanca, Beatch, Bissofa, Bitchau. Mas vale ressaltar que o povo em causa se chama “Brassá” que devido a essa atribuição acima citada no parágrafo anterior passou a ser chamado de etnia Balanta.

6.3 CONTEXTO CULTURAL DE BRASSA KUNTOÊ

Em primeiro lugar farei um breve relato sobre prática cultural deste povo, cuja finalidade é trazer algumas demonstrações das práticas culturais do povo Brassa Kuntoê. Tendo em conta a riqueza cultural dos Brassa, nos limitaremos a apresentar as práticas culturais e sua formação, e conseqüentemente, o processo ritualístico e as fases, que o indivíduo percorre nesta etnia. Os dados apresentados são conhecidos por mim, por ser descendente dessa cultura, e desta forma, conheço os rituais empregados durante engajamento social.

A formação feminina na cultura Brassa, desenvolve segundo a idade e as devidas responsabilidades correspondentes a cada uma das fases. Em todas as fases elas têm os seus respectivos espaços nas comemorações e nos rituais.

As fases desdobram-se durante a formação das mulheres, percorrendo seis fases, mas a formação das mulheres não tem tempo limitado, pois este é constante, e pode durar toda a vida, desde a nascença até a sua morte. As fases são denominadas de seguinte forma: Mbi Fula Ussonh, Mbi fula N´dam, Iegle, Thate, Sade e Anin N´dolo ou Anin N´dam.

a) A PRIMEIRA FASE DE FORMAÇÃO FEMININA: MBI FULA USSONH

Mbi Fula Ussonh, é a fase que começa desde berço até aos 9 anos, inicialmente não existe nenhuma responsabilidade porque ainda são crianças, os pais e os mais velhos são responsáveis pela sua segurança e cuidados de saúde. Já a partir de mais ou menos 6 anos, a criança é ensinada algumas tarefas e princípios básicos que orientam a vida adulta.

Para os Brassas geralmente nesta fase a criança já não deve ficar com os pais e não deve viver com a mãe na mesma casa, porque qualquer comportamento inesperado que a criança adquira, a responsabilidade cairá sobre a tutela da mãe. Ela é enviada para a casa de um membro da família (Nrangh)⁴ ou mestra, que geralmente é umas das tias da criança.

Para evitar que as meninas se percam demasiadas às mães e para exprimir a ideia dos vários laços de parentesco e de sociabilidade na família alargada, a responsabilidade direta da mãe é transferida para a mestra e conselheira (magma). Os Brassa estão convencidos de que se a mãe não se separar da filha e está por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que será considerada demasiada possessiva. (CAMMILLERI, 2010. p. 47).

⁴ Nrangh é um membro da família de confiança a quem os pais confiam na educação da filha.

Por exemplo, ela é ensinada a lavar louça, varrer, tomar banho, ao nível dos valores ela é ensinada a respeitar os mais velhos, a cumprimentar as pessoas, a dar lugar de sentar aos adultos, forma de receber hóspedes, nesta fase a educação dos filhos não depende só dos pais, e sim, responsabilidade de toda família.

Figura 4 - Mbi Fula Ussonh



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

b) SEGUNDA FASE: FULA N'DAM

Fula N'dam, nesta fase, a menina tem que ajudar nas mais diversas tarefas da família, quer sejam tarefas domésticas ou até no campo de cultivo. Por exemplo, no campo de cultivo elas são responsáveis juntamente com os outros a semear a mancará, arroz, milho, entre outros.

Além disso, aprendem como administrar a casa, pois, nesta fase, sofrem muita pressão dos pais e dos outros membros da família, porque já estão prestes a se casarem e por esta razão, têm que aprender como é ser mulher Brassa, para não envergonhar a família, quando forem casadas e não saberem desempenhar papel da dona de casa.

Para os Brassa, a mestra tem um importante papel na criação das meninas, no caso da Fula N'dam, ela é a quem deve acompanhar de perto de todas as atividades feitas pela menina, desde os ensinamentos básicos, dando conselhos de como ela deve lidar com os mais próximos e a forma de se comportar perante a sociedade, e não só. A mestra tem por obrigação,

por tutorial a criança nas suas funções e ao seu crescimento, preparando-as para serem futuras esposas e donas de casa.

Nessa fase, a Fula N'dam passa a se tornar membro de outra família, após aceitar casar-se com uns dos familiares, onde a mestra está como dona da casa. Geralmente para os Brassas, é difícil a menina recusar o casamento dado pela mestra, porque isso mostra a aliança entre o homem e a mulher e sobretudo, entre as famílias do homem e mulher, e esse laço já criado entre as famílias é eterno.

Figura 5 - Fula N'dam



Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

c) **TERCEIRA FASE: NIN IEGLE**

Nin Iegle é a fase em que as meninas já se encontram casadas, mas nos meses antes do kuassa/paln (casamento), enquanto ainda são noivas, aprendem juntamente com às demais mulheres, cânticos alusivos ao seu casamento, quando todos sabem a música a noiva sai de casa e casa ou Morança em Morança cantando e as pessoas oferecem presentes a ela, e todos os presentes recebidos são exclusivamente da noiva. Esta fase é muito importante para as mulheres desse grupo étnico.

Após o casamento elas têm a responsabilidade de gerar filhos, porque entre os Brassa, a mulher é vista como elemento fundamental para a manutenção da família e da sociedade e por esta razão, após o casamento todos ficam ansiosos à espera dos filhos.

Iegle sendo esposa e mãe, sua responsabilidade aumenta, quer na casa do seu marido, como também na casa dos seus pais. Ela tem que participar em todas as cerimônias e rituais.

d) QUARTA FASE: NIN

Nin é a fase depois da fase de Nin Iegle, que é a fase onde a mulher é responsável pela casa. Nesta fase, ela já pode ser Nrangh, nesse caso, na maioria das vezes, a criança da qual ela vai ser a mestra, pode ser a noiva do seu marido. Nin é responsável pela educação das crianças e cuidado delas, elas também já podem começar a participar das reuniões das mulheres e no caso dos rituais, ela é considerada a esposa legítima e com direitos, no caso de o marido ter mais de uma mulher (Dona da Casa).

Figura 6 – *Nin*



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

e) QUINTA FASE: NIN SADE

Nin Sade, é uma fase, mas elevado em relação a Nin, geralmente nesta fase as mulheres começam a chegar no período da menopausa. Além de serem esposas, elas têm o dever de procurar meninas mais novas para dar ao marido para casar. Mas pode não ser o marido a casar a tal menina, pode ser irmão, sobrinho, tio ou qualquer membro da família do marido. Quando a noiva em casamento eleva a aceitação delas na família do marido, ela passa a ser vista

como mulher madura e preocupada com o crescimento da família, porque na cultura Brassa é importante que a família cresça em número.

Nesta fase a mulher passa a se responsabilizar pela casa e auxiliar a mais nova em como ela deve direcionar as tarefas da casa. Geralmente elas representam a família nas reuniões da morança, assim, como nas reuniões da tabanca, nas reuniões das mulheres, são organizadoras das cerimônias de kuassé, assim como em aconselhamentos dos mais jovens.

f) SEXTA FASE: NIN N'DOLO OU NIN NDAN

Nin N'dolo ou Nin N'dam são mulheres idosas, geralmente raspam a cabeça, elas servem como conselheiras das mais novas, são muito respeitadas por todos, quando morrem o funeral é celebrado num ambiente de muita festa porque viveram um período significativo. Nesta fase, as mulheres são atribuídas muitas responsabilidades, ela é responsável a consultar *djambakus*.

Figura 7 - Nin N'dolo ou Nin Ndan



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

1.1 PAPEL DAS MULHERES NOS RITUAIS E FESTIVIDADES DO POVO BRASSA

A mulher Brassa é uma parte muito importante no seio do seu étnico, já que, ela desempenha papel importante, na cultura, na criação dos filhos, no fanado (circuncisão), no

casamento, na agricultura, na defesa espiritual dos membros das famílias, cerimônias fúnebres, entre outros.

O fanado (circuncisão) é uma das cerimônias mais importante e sagrada dos Brassa, realiza-se periodicamente com um intervalo de 4 a 10 anos ou menos. No fanado, os homens ficam na mata durante três meses e durante este período, eles são ensinados os mais diversos segredos da espiritualidade e da sociedade.

A ideia fundamental da iniciação é de dar aos jovens a formação necessária para se tornarem adultos. A passagem da infância à maturidade realiza-se mediante um contrato com os antepassados das famílias, entrando o noviço em relação com os espíritos dos antepassados que o matam como crianças, ele renasce adulto e capaz de gerar. (CAMMILLERI, 2010, p. 38).

Embora seja um ritual dos homens, a mulher desempenha um papel fundamental no suporte espiritual destes homens, porque cada um dos homens tem que ter o que se chama Yamá Nfó (mãe do fanado). Ela antes de começar a desempenhar a função de yamá nfó faz uma cerimônia que lhe revista o espírito protetor do seu fanado e durante o período de fanado, a mulher não deve ter relações sexuais se não o fanado morre. Por esta razão elas são vistas como mulheres de grandes virtudes e responsabilidade e por esta razão elas são tão respeitadas. Em alguns casos, o fanado passa a cuidar e tratá-la como se fosse a própria mãe.

No casamento, a mulher não tem autonomia de escolher com quem vai casar. São os pais que dão a filha em casamento, principalmente o tio, que é considerado o pai da menina e é quem decide tudo sobre a sobrinha. Siga, (2015, p. 59) exprime que “a tradição africana, neste caso, o casamento é a união de homem e mulher, ou seja, dos dois por consentimento”.

O autor assevera que além de unir um casal de pessoas, consiste, também, na união entre as duas famílias (a do marido e da esposa). Em outras palavras, destaca que é uma união eterna, mesmo que se divorciem. Os laços entre as famílias permanecem e assim como a ajuda mútua em diversos sentidos.

Na tradição Brassa o casamento é equiparado com o fanado (cerimônia que torna um homem adulto, ou seja, que lhe dá o direito de falar por si e de se responsabilizar pelos seus atos - Alante N'dam). Nessa tradição, as mulheres não fazem a excisão. O casamento é o momento mais importante duma moça, porque lhe torna adulta e é quando ela começa a responsabilizar-se pela casa em alguns aspectos. (SIGA, 2015, p. 59).

No processo de dar à filha em casamento, a mãe não tem poderes de impedir, uma vez que o pai ou o tio decide que ela deve-se casar com o homem da sua preferência. Após a indicação, os pais do noivo vão à casa dos pais da noiva para pedir a mão da filha. Levam

bebidas e tabaco, e com a confirmação, os pais da noiva cobram dote, (porcos, cabras, panos, bebidas, dinheiro). O pai e os tios cobram a parte deles e a mãe, e suas irmãs, também cobram a parte delas. Aqui todos eles são autônomos, nenhuma parte pode impedir a outra.

Já na fase seguinte, o qual é o próprio kuassé (casamento), são as mulheres que fazem todo ritual de casamento e depois a noiva fica dentro de casa por um período de quatro dias, que é considerada os dias sagrados, sem ter contacto com seu marido e nenhum outro homem. Durante esse período ela recebe conselhos das mais velhas.

Após esses quatro dias, são tirado o véu e a esposa passa a dormir com o marido. Mas isso não pode impedir que ela continuasse com o ritual e dos ensinamentos dadas durante o ritual, no dia da retirada do véu todos os homens são expulsos ou afastadas de casa, ou do lugar de ritual e elas ficam para fazer cerimônia delas para consagração da noiva.

Assim, como destaca Siga:

Nessa tradição, podemos dizer, essa cerimônia está dividida em duas partes: a primeira é a aliança entre as duas famílias e a segunda os rituais nele contidos (o corte dos cabelos, a vestimenta, o ocultamento do rosto e o sacrifício de animais). Mas esses rituais às vezes variam de lugar para lugar devido a sua localização e a influência da sociedade em que são realizados. Contudo, quase 98% dos rituais são os mesmos por toda parte onde estão os Brassa. Isso quer dizer que sempre tem coisa na tradição que, mesmo querendo, não muda, e nem pode ser mudado. (SIGA, 2015, p. 59).

A mulher ainda desempenha um importante papel na defesa da família, ela tem o papel de consultar Assigue⁵ *Djanbakus*⁶, para saber de saúde dos membros da família. Contudo, este papel não é reservado só à mulher, também ao marido, mas geralmente as mulheres é que cuidam mais da saúde física e espiritual dos membros da família.

Na cerimônia fúnebre, as mulheres têm um importante papel nas cerimônias e nos rituais, quer nos choros do homem como da mulher. Contudo, a sua importância é mais acrescida no choro da mulher. Nos choros da mulher, elas vigiam o cadáver, preparam o corpo para o enterro e ainda elas consultam o *djambakus* para saber da causa da morte. Mas, tudo depende se o falecido é jovem ou não. Se é velho, muitas das vezes, não é levado muitas coisas a sério, porque a morte com idade elevada é vista como motivo de celebração, porque o falecido viveu bastante e não morreu jovem. O seu choro é marcado com cânticos, danças e muito humor num ambiente de festa.

⁵ Assigue, é a pessoa considerada intermediado entre os espíritos e os homens que tem a função de evocar os deuses e receber as revelações sobre os acontecimentos.

⁶ Djambakus é a tradução em crioulo da palavra assigue.

Na sociedade Brassa as mulheres são deixadas em segundo plano em muitas situações, como, por exemplo, elas não têm direito à herança, porque se herdaram bens dos pais, elas os levam para casa do seu marido. Mas elas podem ter bens próprios, resultantes do trabalho próprio.

Embora exista uma desigualdade enorme entre homens e mulheres, elas têm espaço próprio, há lugares sagrados das mulheres em que os homens não são bem-vindos sem autorização delas e nesse lugar elas se reúnem em grupos para pedir aos ancestrais que continue derramando bênçãos sobre elas, seus filhos, maridos, familiares e suas aldeias (Tabanca). Nessas reuniões, onde elas discutem assuntos delas, também é usada para diversões, cantos e danças e depois elas informam aos homens das aldeias do que foram decididas por elas.

Bidê⁷ geralmente são importantes nas tomadas das decisões da família, elas são quem tomam decisões de convocar reunião, caso ocorra uma situação de mera importância no seio familiar. (RITH, 2013). Deprende é um grupo formado por membros da família nascidos fora da família em razão do casamento, ou seja, sobrinhos, que são geralmente considerados mais acarinhados por toda a família

7 METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa busca analisar o papel da mulher guineense na etnia Brassa Kuntoê na Guiné-Bissau a partir de uma pesquisa de cunho qualitativo. Para Marconi e Lakatos (2010), a metodologia qualitativa diferencia-se com todos os métodos de pesquisa em inúmeras proporções, principalmente o método quantitativo, isto é, pelo processo de coleta e análise de dados, e, por outro lado, não utiliza os instrumentos estatísticos.

No que concerne aos procedimentos de dados, pretendemos realizar no primeiro momento a pesquisa bibliográfica, na qual trabalharemos com artigos, textos e outros documentos que possuem uma ligação direta com a nossa temática. Para processamento dos dados optamos pela revisão bibliográfica relacionada ao assunto. Gil (2008) concebe que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Para seguir adiante com a nossa pesquisa, vamos realizar pesquisa etnográfica. O método etnográfico busca compreender as culturas e comunidades humanas. Envolve uma imersão profunda em um grupo social, visando observar e compreender seus padrões culturais,

⁷ Bidê são todas as meninas nascidas numa determinada casa ou morança.

REFERÊNCIAS

- ANEME. **Enquadramento e Perspectivas de Desenvolvimento:** Levantamento e Caracterização das Empresas Comerciais e Industriais. Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Electromecânicas. Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Electromecânicas. Guiné-Bissau-Lisboa: 2018.
- BAMISILE, S. Adetunji. A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro. **Revista Via Atlântica**. São Paulo. N. 24, p. 257-270, 2013.
- CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. trad. Lino Bicari, Maria Fernanda Dâmaso; ed. lit. Fernando Mão de Ferro. Lisboa: Edições Colibri, 2010. p.7-117.
- CARREIRA, António. A etnonímia dos povos de entre o Gâmbia e o estuário do Geba. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Vol. XIX 75, 1964, 171 f. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, PORTUGAL.
- COMITINI, Carlos. **Amílcar Cabral: a arma da teoria**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Altas, 2008.
- GOMES, P. G. **Na senda da luta pela paz e igualdade**. O contributo das mulheres guineenses. Publicado em 8 de março de 2013. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>. Acesso em: 17.jan.2023.
- HOPFFER, Carla Frederico. **O impacto dos feminismos na educação em Guiné-Bissau**. 2021 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Humanidades), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.
- INE. **Indicadores chaves**. Instituto Nacional de Estatística. 2020. Disponível em: <https://www.stat-guinebissau.com/index.html#>> . Acesso em: 25 fev. 2023
- INPGB. **Estado e Estrutura da População:** Terceiro recenseamento geral da população e habitação. Bissau: 500 Exemplares, 2009.
- KAFO, Federação. **Política de Género:** República da Guiné-Bissau. Djalicunda 2006. Disponível em: <http://kafobissau.org/wp-content/uploads/2011/10/PoliticaGeneroKAFO.pdf/>>. Acessado em: 29 jun. de 2022.
- LANDERDAHL, Maria Celeste et al. Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil. **Pesquisa, Esc. Anna Nery**, n. 17, v.2, p.306-312, 2013.
- MARCONI, M. de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas S.A. 2010.
- MEPIR. **II Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza (DENARP II)**. Ministério da Economia, Plano e Integração Regional: Guiné-Bissau, Junho 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21º Ed. 2002.

M'BUNDE, Timoteo Saba. **As Políticas Externas Brasileira e chinesa para a Guiné-Bissau em abordagem comparada (1974-2014)**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

PNA. **Sobre Mulher Paz e Segurança**. Plano Nacional de Ação para Implementação da Resolução CSNU 1325, 2000. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/ianwge/taskforces/wps/nap/Plano_Nacional_Accao_1325.pdf/>. Acesso em: 15 Mar. de 2023.

RARELIBRA. **Map of the sectors of Oio region of Guinea-Bissau**. 2008. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oio_sectors.png> Acesso em: 10 abr. 2023.

RIBEIRO, Jair Walter. **Guiné-Bissau é o novo alvo do Brasil**. Oportunidades para missões. 2014. Disponível em: <<https://institutoparacleto.org/2014/05/05/guine-bissau-e-o-novo-alvo-do-brasil-oportunidades-para-missoes/>>. Acesso em: 22 mar. 2023

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

RITH, Tchogue. **FREHU-N-FLIF Nº 13: a composição da família na cultura balanta**. Intelectuais Balantas na Diáspora. Oslo, n. 13, jun. 2013. Disponível em: <<http://tchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html>> Acesso: 9 mar. 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.

SANCA, Ilda. **A inserção das mulheres no mercado de trabalho na Guiné-Bissau**. 2014, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos Balanta: usos, costumes e rituais**. 2015. 68 f. TCC Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades), Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2015.

UCCLA (ed.). **GOVERNO CIVIL DA REGIAO DE OIO**. Disponível em: <<https://abre.ai/f67V>> Acesso em: 15 abr. 2023.

UNICEF. **Política social e seguimento & avaliação habilitando sistemas de proteção social para todas as crianças**. Guiné-Bissau, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/HMva> Acesso: em 12 de janeiro de 2023.

VOZ DI PAZ. **Fala di Mindjer: As vozes das mulheres**. Além da pressão social e das barreiras institucionais: o papel das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau. Março de 2018.